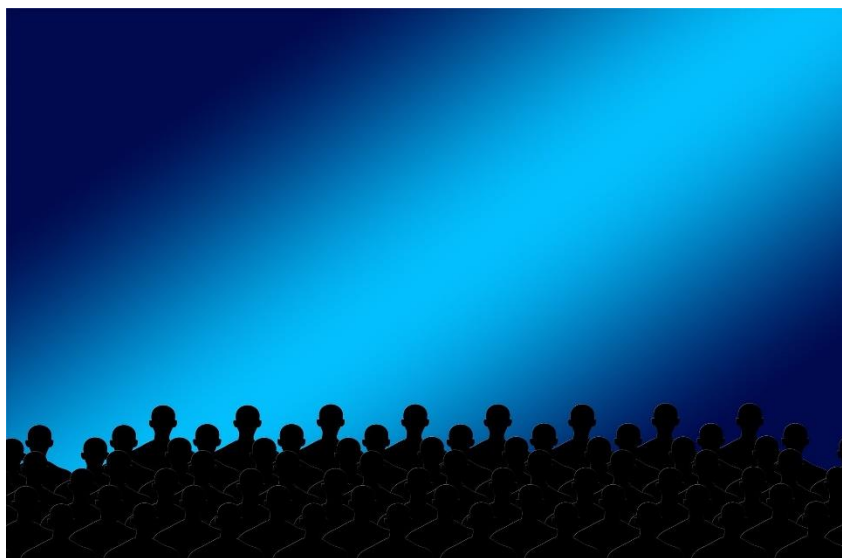




I Simpósio de Tradução Teatral (STT)

A tradução teatral em questão: a diversidade na teoria, nos métodos e na prática



5 de fevereiro a 13 de março de 2021
às sextas-feiras, das 14h30 até 16h00

Link para participar do evento:

<https://us02web.zoom.us/j/88289063479?pwd=bFhnSUNCTk9tMUx6dHduTzYraXhFUT09>

ID da reunião: 882 8906 3479

Senha de acesso: 844679

Para receber certificado, tanto os participantes palestrantes quanto ouvintes deverão inscrever-se por este link: <http://inscricoes.ufsc.br/traducao-teatral> até 02 de fevereiro de 2021.

Sobre o simpósio

A tradução teatral se apresenta nos mais variados contextos e pode ter uma gama de objetivos. Ela pode ser feita de modo coletivo, por um grupo de teatro, ou no meio acadêmico; pode ser realizada por tradutores amadores ou profissionais. Às vezes, tem como intuito a apresentação de uma peça para um grupo que talvez queira encená-la, outras vezes, já visa a uma encenação no palco. Ademais, a tradução teatral pode acontecer em forma de legendagem ou ter como objetivo a publicação em forma de livro, acompanhada ou não por paratextos. Podemos pensar também na tradução de um romance, conto, ensaio ou poema com vistas à adaptação cênica. Em alguns casos, a tradução teatral leva em consideração questões dramáticas, de ritmo, estilo e oralidade, já em outras, é posteriormente adequada às necessidades do grupo que a encena pelo(a) diretor(a) ou pelo(a)s próprio(a)s atores ou atrizes. Invariavelmente, resulta num texto habitante de um entre-lugar, com novos significados e uma nova vida, como uma metáfora do e para o seu novo contexto receptor, transitando entre os polos da domesticação e da estrangeirização. Essa variedade de contextos e finalidades da tradução teatral se reflete em um grande número de propostas e resultados, práticos, metodológicos e teóricos. E essa diversidade é nosso ponto de partida para discutir a tradução teatral de diversos ângulos.

As organizadoras

Alinne Balduino Pires Fernandes, UFSC
Ruth Bohunovsky, UFPR

PROGRAMAÇÃO

5 de fevereiro

Abertura e moderação: Profa Dra Alinne Balduino P. Fernandes

Abertura do Simpósio: Profa Dra Alinne Balduino P. Fernandes

Alinne Balduino P. Fernandes possui doutorado pela Queen's University Belfast, Irlanda do Norte, em Dramaturgia e Tradução. Atualmente é Professora Adjunta nível 2 do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professora permanente e sub-coordenadora da Pós-Graduação em Inglês (PGI) e professora colaboradora da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC. É também líder dos grupos de pesquisa Estudos Irlandeses, sub-coordenadora do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI) e do grupo de Estudos Feministas na Literatura e na Tradução (GEFLIT). Além disso, atua como dramaturgista, diretora teatral e tradutora, tendo traduzido, dirigido e atuado em diversas peças teatrais, especialmente de dramaturgas irlandesas e norte-irlandesas.

Palestra de abertura

A Tradução Teatral para Além do Texto

Cláudia Soarez Cruz (PUC-Rio)

Gérard Genette, tomando emprestada a metáfora de Jorge Luis Borges, descreve o paratexto como “um ‘vestíbulo’ que oferece ao mundo a possibilidade de dar um passo e entrar ou dar meia volta”¹. Ao traduzirmos um texto teatral para encenação, queremos que o espectador se sinta convidado a dar esse passo. Propomos, então, refletir a respeito da utilização de elementos extratextuais – linguísticos, visuais e sonoros – que extrapolem o abrir e fechar das cortinas, visando não só fazer esse convite ao público, mas também intensificar a experiência do ato teatral. Da mesma forma que autores como Bernard Shaw se utilizavam de prefácios, posfácios e detalhadas rubricas para, de alguma forma, potencializar a experiência da leitura de suas obras, pensamos que a tradução de textos dramáticos para encenação também pode se valer de recursos que ultrapassam o texto. Queremos pensar que recursos seriam esses, que elementos extratextuais poderiam ser utilizados para expandir e ampliar a experiência teatral, proporcionando uma maior integração entre palco e

¹ GENETTE, Gérard. Paratexts: thresholds of interpretation. Translated by Jane E. Lewin. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge, 1997, p. 2.

plateia, entre dois universos, idiomas e culturas que se encontram frente a frente no jogo cênico do ato teatral. E nesse processo, propomos ainda refletir sobre o papel do tradutor, pois, como coloca Mary Snell-Hornby, o resultado do que se vê em cena “pode ser mais promissor se ao tradutor for dado o escopo de um artista criativo que trabalhe junto com toda a equipe”².

Palavras-chave: paratextos; elementos extratextuais; experiência teatral.

Cláudia Soares Cruz é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) na PUC-Rio, sob orientação da profa Dra Marcia Martins. Sua tese em andamento é intitulada “Fronteiras e interseções na tradução teatral: tradução e adaptação de *The Pitmen Painters* [Lee Hall, 2007]”. Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO, graduada em Publicidade pela PUC-RJ e em Artes Cênicas - Teoria do Teatro pela UNIRIO. Fez pós-graduação em Língua Inglesa na PUC-RJ e em Dramaturgia na Escola Superior de Artes Célia Helena, em São Paulo. Trabalha com tradução e revisão desde 1992, tendo traduzido livros, peças teatrais, roteiros, documentos, artigos acadêmicos, material para exposições, entre outros. Ministra cursos e oficinas de tradução e dramaturgia.

² SNELL-HORNBY, Mary. *Theatre and Opera Translation*. In: KUHIWCZAK, Piotr and LITTAU, Karin (Eds.). **Topics in Translation 34 - A Companion to Translation Studies**. Great Britain: Multilingual Matters Ltd., 2007, p. 119.

12 de fevereiro

Moderação: Profa Dra Ruth Bohunovsky

Traduzindo o teatro de Thomas Bernhard: um drama ainda pouco explorado

Hugo Simões (UFPR)

Luiz Carlos Abdala Junior (UFPR)

Ainda que reconhecido como um profícuo criador dentro do gênero, o teatro de Thomas Bernhard (1931-1989) está, até o momento, pouco traduzido no Brasil. Pensando em preencher esta lacuna e explorar o potencial tradutório e artístico dos textos dramáticos do autor, entre os anos de 2018 e 2019 a Prof. Ruth Bohunovsky coordenou a tradução, realizada por alunos da graduação e da pós-graduação do curso de Letras da UFPR, de três peças de Bernhard para a *Coleção Dramas & Poéticas* da Editora da UFPR: *Der Präsident*, *Ein Fest für Boris* e *Immanuel Kant*. Nesta apresentação pretendemos compartilhar a experiência de traduzir a peça *Ein Fest für Boris* (Uma festa para Boris), a qual apresenta algumas singularidades, como a possibilidade de ser analisada por meio de alguns postulados de Martin Esslin sobre o “teatro do absurdo”. Além dessa investigação sobre a relação entre a linguagem bernhardiana e o “absurdo” em “Uma festa para Boris”, pretendemos debater alguns desafios da tradução de textos dramáticos, mobilizando autores como Paul Zumthor e Susan Bassnet, Ruth Bohunovsky, bem como da tradução do “teatro do exagero” de Thomas Bernhard, levando em conta a crítica especializada de autores como Jens Dittmar, Martin Huber, Matthias Konzett, dentre outros.

Palavras-chave: Thomas Bernhard; teatro do absurdo; tradução; literatura de língua alemã.

Hugo Simões é graduado em Letras - Português/Alemão e Direito pela Universidade Federal do Paraná, mestre e doutorando em Letras pelo PPGLet/UFPR. É membro do *species* - núcleo de antropologia especulativa, e foi membro do projeto de extensão PBMIH (Português Brasileiro para Migração Humanitária), em que deu aulas de português a migrantes em situação de vulnerabilidade. Na graduação de Letras, pesquisou a antologização da poesia de Paul Celan (Iniciação Científica) e traduziu e debateu a peça *Immanuel Kant*, de Thomas Bernhard, como trabalho de conclusão de curso. No mestrado, traduziu poemas de Paul Celan a partir de uma reflexão sobre a língua portuguesa e seu processo de constituição ligado ao genocídio ameríndio. No doutorado pesquisa o sotaque nas poéticas de Paul Celan e de Tamara Kamenszain, bem como possíveis modos de traduzir essa manifestação dos corpos e dos refúgios que atravessam suas línguas. Tem algumas traduções literárias (poesia e prosa) publicadas em revistas, exposições e capítulos de livros, de autores como Bertold Brecht, Heinz Rudolf Unger, Nikolaus Lenau, Paul Celan e Stefan Zweig, além de ter traduzido peças de Thomas Bernhard, que se encontram no prelo. Tem publicados também dois livros autorais de poesia, “Pêsames” (2016) e “Perdão” (2019).

Luiz Carlos Abdala Junior é graduado em Letras - Português/Alemão pela Universidade Federal do Paraná. Ao longo da graduação, trabalhou com a recepção de Guimarães Rosa na Alemanha e também com a tradução dos textos dramáticos de Thomas Bernhard no Brasil, quando analisou a tradução de *O Presidente (Der Präsident)*, publicada pelos Cadernos de Tradução do Instituto Goethe de Curitiba. Atualmente está no mestrado em Estudos Literários da UFPR, pesquisando e traduzindo a poética do exílio autora de língua alemã Rose Ausländer. Além de contribuir para a *Coleção Dramas & Poéticas*, já publicou traduções de Ausländer no blog *escamandro* e também traduziu um conto da autora alemã Katharina Bendixen, a ser publicado no livro *As diferentes moradas das palavras*, coletânea de contos escritos por mulheres, pela Editora da UFPR. Também já traduziu a poesia de Else Lasker-Schüler e Anja Kampmann. Entre seus campos de interesse estão a literatura de língua alemã do séc. XX, a poesia brasileira contemporânea e a tradução poética e dramatúrgica.

Samuel Beckett, o rádio e a tradução

Larissa Ceres Lagos (UFSC)

Este trabalho tem por objetivo discutir o rádio como instrumento incorporado pelo escritor Samuel Beckett (1906-1989) em sua obra, bem como as questões que precisam ser levadas em conta para uma possível tradução das suas peças radiofônicas. Beckett teve uma proffícu e intensa produção com o rádio, em especial para a BBC que adaptou algumas de suas obras conhecidas e comissionou outras para serem transmitidas no *Third Programme*. Para análise e tradução das peças para rádio de Beckett, é importante recuperar a relação que o autor desenvolveu entre a linguagem e música. Ao retomar essa relação, é possível indicar que a estrutura de algumas de suas peças é baseada em elementos teóricos da música, como o ritmo. Dessa forma, ao abordar o texto para o rádio juntamente com as complexidades que estabelecem desde sua concepção até sua difusão, é possível pensar numa tradução que integre também a gravação e transmissão das peças.

Palavras-chave: Tradução. Peças para rádio. Samuel Beckett.

Larissa Ceres Lagos é doutora em Estudos da Tradução pela UFSC, possui mestrado pela mesma instituição, é especialista em Estudos Literários e graduada em Letras Português/Inglês. O foco de seus trabalhos na vida acadêmica esteve ligado ao teatro e principalmente, mas não exclusivamente, ao trabalho de Samuel Beckett. Durante os anos de estudos na Pós-graduação em Estudos da Tradução, trabalhou com a tradução da peça de teatro *Não Eu* e das peças para rádio *Borrvalho*, *Palavras e Música* e *Cascando*, todas de Samuel Beckett, além de coordenar o projeto “Som e palavra, poesia e imagem: gravações de peças para rádio e poesias” em 2018, que contou com a seleção, concepção e gravação de prosa poética e peças para rádio por atores do curso de Artes Cênicas. Durante os últimos anos, sua pesquisa em tradução das peças para rádio tem abordado questões de ritmo, música, performance e transmissão. Faz parte do Grupo de Pesquisa Estudos de Samuel Beckett, Grupo de Estudos Joycianos do Brasil e do Núcleo de Estudos Irlandeses.

Da Áustria para o Brasil: uso de notas de rodapé na tradução de *O Presidente*, de Thomas Bernhard

Gisele Eberspächer (UFPR)

Entre 2017 e 2018 traduzi, com Paulo Pacheco, a peça de teatro *O Presidente*, do austríaco Thomas Bernhard, publicada em 1975. A peça retrata um presidente autoritário depois de um atentado contra a sua vida, assim como um crescente sentimento de medo em relação aos movimentos populares, representados pelo próprio filho do governante. A peça inclui também um monólogo do próprio presidente, enquanto este defende seus modos políticos. Esta apresentação tem como objetivo detalhar o processo de tradução da obra, sendo que o primeiro tópico é pensar as vantagens e desvantagens de uma tradução a quatro mãos. Depois disso, uma primeira versão do texto passou também por uma leitura crítica de um grupo de acadêmicos e estudantes, o que resultou em uma nova versão do texto. Por fim, apresento ainda a solução encontrada nessa tradução para um equilíbrio entre manter referências históricas e culturais austríacas e apresentar opções de maior compreensão para um possível público brasileiro (pensando em uma potencial montagem do texto): o uso de notas de rodapé explicativas que também propõem substituições que atualizam e recontextualizam o debate proposto pela obra.

Palavras-chave: Thomas Bernhard, *O Presidente*, literatura austríaca.

Gisele Eberspächer é formada em Comunicação Social – Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com pós-graduação em Comunicação, Cultura e Arte, também pela PUC-PR. Atualmente é graduanda em Letras pela Universidade Federal do Paraná e mestre em Estudos Literários, também pela UFPR. Para o mestrado, traduziu e analisou a obra da austríaca Ida Pfeiffer, com foco no relato da viagem que fez ao Brasil em 1846. Em 2017, coordenou, com a professora Ruth Bohunovsky, a tradução da exposição *Kalliope*, que apresenta em onze cartazes mulheres importantes para a história e cultura austríacas. O projeto contou com o apoio do Instituto Goethe e da Embaixada da Áustria no Brasil. Desde 2012, mantém o projeto *Vamos falar sobre livros?*, no qual discute a literatura e promove a leitura na internet. Traduziu, com Paulo Pacheco, a peça *O Presidente*, de Thomas Bernhard, a ser publicada pela Editora da UFPR em 2020.

19 de fevereiro

Moderação: Prof. Dr. Daniel Martineschen

O ritmo da peça Macbett em sua tradução ao português

Marina Bento (UFSC)

Pode-se dizer que o ritmo, enquanto organização do sentido no discurso, é o que se traduz. O conceito de ritmo, que é central na teoria da tradução de Henri Meschonnic (2010), torna-se essencial para a tradução de teatro, pois que ele se dá a ver pela oralidade – que manifesta o gesto, o corpo e o subjetivo na linguagem tanto no escrito quanto no falado. Este trabalho vai apresentar alguns dos resultados da minha pesquisa de doutorado, concluída em 2019, que propôs a tradução e a análise da peça *Macbett* (1972), de Eugène Ionesco, a partir de seu ritmo que organiza o que chamo de discurso da engrenagem do poder. Serão apresentados exemplos da análise dos três ritmos que compõem este discurso: o ritmo do motim, da hierarquia e da soberania, bem como um terceiro, que age de fora desse sistema, o ritmo do oráculo, que é o das feiticeiras. Os ritmos serão exemplificados ao lado das opções de tradução do texto e também virão, por vezes, junto de situações de enunciação da peça, ou seja, algumas de suas encenações ou leituras em francês e em português.

Palavras-chave: Macbett; Eugène Ionesco; Ritmo; Tradução; Teatro.

Marina Bento é tradutora, atriz profissional e produtora cultural. É doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (com conclusão em 2019) com a tese “Ritmos do discurso do poder em *Macbett*: uma tradução da peça de Eugène Ionesco”. Como tradutora publicou *A armadilha de Medusa* (2016), de Erik Satie, pela Rafael Copetti Editor, resultado de sua pesquisa de mestrado. Esta peça foi encenada pela Elephants Companhia de Teatro, de Florianópolis, e estreou em 2016, da qual participou como atriz e como assistente de direção. Trabalha com teatro há 20 anos, tendo atuado em diversos espetáculos, além de leituras dramáticas, performances e cinema. Foi produtora cultural da Aliança Francesa de Florianópolis por quatro anos, trabalhando principalmente com a produção local de peças teatrais vindas da França. Tem como projetos atuais a tradução da peça *O rei da vela* (1933) para o francês e a produção e montagem da tradução de *Macbett*.

A propósito da tradução de *A Mãe Desbundada*, de Dario Fo e Franca Rame

Sergio Nunes Melo (Professor Doutor, UFSC)

Trata-se da análise diacrônica da tradução deste tradutor do esquete *A Mãe Desbundada* (*La Mamma Fricchettona*), um dos vinte e cinco monólogos para uma mulher escrito a quatro mãos pela dupla conjugal e profissional italiana, Dario Fo e Franca Rame. Diante da necessidade de situar o discurso sobre uma prática profissional até recentemente desenvolvida sem o recurso da teoria por quase três décadas, este tradutor discute o palimpsesto a partir do que George Steiner denomina “movimento hermenêutico”. Este tradutor identifica e localiza os quatro estágios da abordagem (a confiança, a agressão, a incorporação e o vaivém do pistão) no texto traduzido do italiano para o português, originalmente desenvolvido para uma montagem com alunos da UFBA, mais tarde recriado para uma disciplina de comédia na UFSC e por fim debatido com profissionais da tradução antes de chegar a uma versão final resultante do confronto de pontos de vista diversos. Desse modo, este tradutor discute alguns dos problemas da tradução em foco e justifica algumas de suas escolhas finais.

Palavras-chave: movimento hermenêutico; comédia; George Steiner

Sergio Nunes Melo é professor associado do Departamento de Artes da UFSC. É formado em escritura criativa pela Scuola d’Arte Drammatica Paolo Grassi, Milão, bacharel em Letras (Inglês e respectivas literaturas) pela UERJ, mestre em literaturas de língua inglesa pela UERJ, doutor em Artes da Cena pela University of Toronto, pós doutor pela School of Culture and Creative Arts, na University of Glasgow. Seus primeiros trabalhos de tradução remontam à década de 90, quando traduziu textos de negócios de italiano para inglês. De volta ao Brasil, traduziu um dos volumes da série da Clínica Tavistock *Compreendendo seu filho* e uma sessão de um livro da Organização Mundial de Saúde sobre doenças sexualmente transmissíveis. Desde então, propôs e traduziu três peças de Luigi Pirandello para a Editora Tordesilhas, incluindo o clássico *Assim é se lhe parece*, publicado pela editora e encenado profissionalmente por Marco Antônio Pâmio em São Paulo.

Desarquivando teatro traduzido no Brasil sob a ditadura: A mãe, de Stanisław Ignacy Witkiewicz

Marcelo Paiva de Souza (Professor Doutor, UFPR)

A montagem brasileira de *Matka* (*A mãe*; 1924), de Stanisław Ignacy Witkiewicz (1885-1939), inscreveu-se com destaque na crônica de nosso teatro durante os anos de chumbo da ditadura. Estreando no Rio de Janeiro em 1971, o espetáculo dirigido por Claude Régy, com Tereza Raquel e José Wilker nos papéis principais, foi prontamente saudado pela crítica como uma das realizações mais brilhantes daquela temporada. E de um ponto de vista atual, a importância histórica da empreitada parece ainda mais nítida: quer por seus altos méritos na frente de resistência de nossos palcos diante do AI-5, quer por ter se tratado da primeira encenação de uma obra de Witkiewicz entre nós. A tradução da peça para o português, a partir de uma versão francesa, ficou a cargo de Arnaldo e Sônia Carrilho, e Roberto de Cleto. Sintomaticamente, o texto jamais foi publicado. Proponho-me a desarquivar o caso, discutindo, brevemente, questões teóricas relativas à história da tradução no teatro brasileiro moderno, à crítica do texto teatral traduzido e à prática tradutória como resistência e ativismo.

Palavras-chave: *A mãe*, de Stanisław Ignacy Witkiewicz; teatro polonês em cena no Brasil ditatorial; tradução teatral como resistência e ativismo.

Marcelo Paiva de Souza é bacharel em Letras Português (1993) e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (1996), doutor em Ciência da Literatura pela Uniwersytet Jagielloński, de Cracóvia, Polônia (2000). Professor do Departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas e da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e tradutor.

26 de fevereiro

Moderação: Profa Dra Izabela Drozdowska Broering

**Tradução de dialeto e de personagens-tipo:
o Reigen, de Schnitzler, no palco brasileiro**

Deborah Raymann de Souza (UFPR)

A apresentação aborda alguns dos problemas surgidos durante o trabalho (ainda não concluído) de tradução da peça *Reigen*, de Arthur Schnitzler (1862-1931). A peça, escrita em dez cenas curtas que têm como ponto em comum o encontro de um casal, traz personagens-tipo do imaginário literário e teatral vienense do começo do século XX. A tradução em andamento procura identificar e fazer referência a personagens-tipo do imaginário brasileiro, para recriar efeitos semelhantes de intertextualidade como no original, sem, no entanto, descaracterizar a obra. Em todas as cenas da peça, a caracterização dos personagens/tipos passa principalmente pelo uso que fazem da linguagem, a saber, diversas maneiras de misturar o alemão padrão com o dialeto vienense. Diante da dificuldade (ou, melhor dizendo, impossibilidade) de recriar tal dialeto, a busca de personagens típicos na cultura de chegada e uma linguagem adequada para sua representação é o principal desafio no momento atual da pesquisa. Trabalha-se com a possibilidade de uso de vocabulário típico de diferentes classes sociais que são representadas na peça.

Palavras-chave: dialeto; alemão; Arthur Schnitzler.

Meu nome é **Deborah Raymann de Souza**, sou formada em Artes Cênicas pela escola técnica da UFPR, graduada em Letras licenciatura português e alemão pela UFPR, e estou atualmente no segundo ano do mestrado em Letras, na mesma instituição, com linha de pesquisa em alteridade, mobilidade e tradução. Iniciei também o curso de Música da Faculdade de Artes do Paraná, o qual acabei não concluindo. O objeto de minha pesquisa no mestrado é a peça *Reigen*, do austríaco Arthur Schnitzler, para a qual proponho uma tradução pensada para o palco, norteadas pela teoria desenvolvida por Fabienne Hörmanseder. O principal problema sobre o qual me debruço é a transposição de personagens típicos do universo vienense para personagens típicos do universo brasileiro. Outro problema é a “tradução” do dialeto vienense para o português brasileiro. Atuo nas áreas de ensino de alemão como língua estrangeira nos centros de idiomas da UFPR, como professora, e da PUCPR, como professora e também na produção e aplicação de testes de suficiência e intercâmbio. Atuo também como atriz esporadicamente.

PREPARAÇÃO COMO PARTE DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO PARA LÍNGUA DE SINAIS EM ESPETÁCULO TEATRAL

Samuel de Oliveira Morais (UFSC)

A interpretação para línguas de sinais se constitui como uma prática em crescente ascensão nas últimas décadas. Dentre os possíveis contextos de interpretação, destaca-se o contexto teatral. O objetivo deste trabalho é discutir sobre a preparação como parte do processo de interpretação para língua de sinais em espetáculo teatral. Para tanto, toma como base elaborações de autores dos Estudos da Tradução que estudam a tradução e a interpretação de língua de sinais para o teatro, focalizando como eles caracterizam as atividades que precedem interpretação do espetáculo teatral (CORREIA; RIBEIRO, 2014; GRUTZMACHER *et al.*, 2014; HORWITZ, 2014; RIGO, 2014). A tarefa do intérprete, nesse contexto, é distinguida pelos autores em diferentes etapas. A preparação normalmente é relacionada a uma parte do processo de interpretação compreendida pelo contato prévio do intérprete com o texto do espetáculo teatral; pelos ensaios junto dos atores; e pela organização técnica envolvendo a presença do intérprete de língua de sinais para o momento do espetáculo teatral, como espaço ocupado pelo intérprete, figurino e iluminação. Entende-se que a preparação constitui uma parte fundamental do trabalho de interpretação que é pouco explorada na literatura. Espera-se, com essa discussão, contribuir com práticas e com a formação de intérpretes de língua de sinais que atuam no teatro.

Palavras-chave: Preparação. Interpretação de língua de sinais. Espetáculo teatral.

Samuel de Oliveira Moraes é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; estudante do curso de Especialização em Tradução e Interpretação de Libras/Português pelo Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC; e bacharel em Letras - Libras (2018) pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Atualmente é tradutor e intérprete na UFSC, atuando com o par linguístico Libras-Português. Tem experiência em interpretação de Libras e Português nos contextos artístico-culturais, de conferências, educacionais e religiosos. Já atuou como intérprete no Festival Palco Giratório de Florianópolis (2018/2019), no 3º Arte & Libras em Ciclo (2019) e no projeto Cineclubes Vendo Vozes (2017/2018). Desenvolve trabalhos relacionados aos seguintes temas: formação de intérpretes, interpretação para Libras em espetáculos teatrais, didática da tradução e da interpretação, língua de sinais. Sua pesquisa de Mestrado objetiva analisar a constituição do perfil profissional de intérpretes de Português-Libras que atuam no contexto teatral.

RINGS DE ROSALEEN MCDONAGH: UMA TRADUÇÃO COMENTADA PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Cristiane Bezerra do Nascimento (UFSC)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma tradução comentada tendo como corpus a peça teatral *Rings* escrita pela dramaturga Rosaleen McDonagh e sua respectiva tradução da língua inglesa para o português brasileiro. A peça foi apresentada originalmente como uma leitura encenada parte da Turning Point: uma leitura de quatro peças curtas por escritores com deficiência pela Fishamble: The New Company e pela Arts & Disability Ireland, em uma apresentação especial no Project Arts Centre, no dia 31 de Março de 2010. Mc Donagh é ativista e membro da comunidade dos *Irish Travellers* – minoria étnica e nômade da Irlanda - sendo a primeira *Traveller* a se tornar membro da Aosdána, associação irlandesa de artistas envolvidos em literatura, música e artes visuais. Dito isto, busco mostrar as estratégias tradutórias utilizadas e os desafios de se traduzir uma peça que trata dos *Travellers* para o português brasileiro. Como aporte teórico, o trabalho se baseia em uma tradução com um viés estrangeirizante proposto por Venuti (1995), em seu livro *The translator's invisibility: a history of translation*, no qual a estratégia de estrangeirização além de dar visibilidade ao papel do tradutor, ressalta a identidade estrangeira do texto fonte e dialoga com a proposta de Britto (2012), buscando assim seguir uma mediação entre o grau de estrangeirização e domesticação.

Palavras-chave: Teatro irlandês contemporâneo. Tradução comentada. Rosaleen McDonagh. *Rings*

Cristiane Bezerra do Nascimento é Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Bacharel em Tradução pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, e Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ. Membro do Núcleo de Estudos Irlandeses (NEI) da UFSC. Bolsista CAPES.

5 de março

Moderação: Fernanda Saraiva Frio (doutoranda, UFSC)

***Bambiland*, de Elfriede Jelinek: análise de um caso de tradução**

Tássia Kleine (UFPR)

A colagem é procedimento literário central para a concepção de *Bambiland*, de Elfriede Jelinek, texto dramático publicado em seu site no dia 02/04/2003 – menos de um mês depois do início da Guerra do Iraque – e atualizado em dois momentos posteriores, em 05/04/2003 e 05/05/2004. A mídia selecionada para a publicação, o momento histórico e o anúncio claro das fontes das quais boa parte das frases do monólogo seria integralmente importada evidenciam que as associações propostas pela construção por meio da colagem seriam elemento central para a proposição de sentidos do texto, sem a consideração constante e intensa do qual o conteúdo textual em si teria interpretação em grande medida empobrecida. Considerando-se a centralidade de processos associativos para a leitura de *Bambiland*, e retomando-se ainda os apontamentos da autora quando em questão está a liberdade dos diretores que venham a trabalhar com sua obra, refletiremos ao longo deste trabalho sobre métodos e práticas de tradução no caso de trabalhos pós-dramáticos colaborativos, focando-nos especificamente em circunstâncias identificadas no decorrer da tradução da peça para o português brasileiro.

Palavras-chave: Elfriede Jelinek; *Bambiland*; Tradução teatral; Teatro pós-dramático.

Tássia Kleine graduou-se em Letras – Português/Alemão – com ênfase em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná em 2010. Obteve o título de mestre pela mesma instituição em 2015, no âmbito do programa Espaço Literário, Margens e Fronteiras. No decorrer de seu mestrado, foi contemplada com bolsa do Deutsch Akademischer Austauschdienst (DAAD) para o desenvolvimento de pesquisa na Ludwig-Maximilians-Universität, de Munique, por um semestre. É atualmente doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná e se dedica aos estudos da tradução e da obra dramática de Elfriede Jelinek. Atua também como professora de Português – Língua e Literatura no Colégio Suíço-Brasileiro e coordena projetos editoriais e de tradução na editora independente Ó Editorial. Traduziu para o português, além de material técnico de letras e de outras áreas, capítulos de livros e artigos acadêmicos, o romance *A guerra de inverno no Tibete*, de Friedrich Dürrenmatt, pela Ó Editorial, e a biografia *Lutero e seu tempo*, de Peter Blank, pela Editora Quadrante.

Os povos não pedem perdão e traduzem coletivamente

Paulo Henrique Pappen (UFSC)

Esta comunicação tem o objetivo de relatar uma tradução coletiva para teatro e discutir esse processo tradutório como uma forma de criação artística. Essa experiência faz parte da minha pesquisa de doutorado na PGET/UFSC, cujo tema é tradução para teatro. O método de trabalho é a pesquisa orientada pela prática/prática orientada pela pesquisa (SMITH & DEAN, 2009) e, no que diz respeito especificamente à tradução, penso em Meschonnic (1970), Lefevere (1992) e Fernandes & Viana (2019), além de abordagens feministas sobre a tradução (por exemplo, SIMON, 1995). Os textos-fonte para as traduções coletivas eram duas cartas: uma escrita pela escritora argentina Salvadora Medina Onrubia (2010) e outra pelo Subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional do México (EZLN, 1994). Ambas as cartas foram traduzidas coletivamente pelo Grupo Organizado de Teatro Aguacero (GOTA), de Florianópolis, SC, em 2018. O processo teve como fim uma apresentação de um número teatral no Sarau Vermelho, que ocorreu no bairro Rio Vermelho, naquele mesmo ano, e cujo tema era “resistência”.

Palavras-chave: tradução para teatro; tradução coletiva; resistência

Paulo Henrique Pappen: Me formei em Letras – Licenciatura pela UFRGS em 2013. Fiz mestrado em Estudos da Tradução na PGET/UFSC, concluído em 2017. Desde 2018 estou fazendo uma pesquisa de doutorado nesse mesmo programa de pós-graduação. Trabalho nessa área desde o fim da graduação, tendo como pares linguísticos tanto italiano-português quanto espanhol-português. No mestrado, trabalhei com tradução de textos de Leonardo da Vinci, portanto traduzi do italiano. No doutorado estou trabalhando com a língua espanhola. Me interessa principalmente por tradução literária, musical e para teatro. Paralelamente a isso, tive algumas experiências com escrita literária e criação musical e teatral. Ajudei a construir o Grupo Organizado de Teatro Aguacero (GOTA), em Florianópolis, SC, em 2018. É um grupo de teatro amador que entende e pratica a tradução como uma forma criativa em seus processos. Com o GOTA, tive algumas experiências de tradução coletiva a partir das quais estou tentando desenvolver minha tese de doutorado.

Quando Eurídice diz Freud: as implicações da intertextualidade na tradução de uma peça de Elfriede Jelinek

Cristiane Gonçalves Bachmann (UFPR)

Este trabalho trata de aspectos da tradução literária para o português brasileiro de uma passagem da peça *Schatten (Eurydike sagt)*, da escritora austríaca contemporânea Elfriede Jelinek, que Cristiane Gonçalves Bachmann e Ruth Bohunovsky empreenderam a quatro mãos. A peça, publicada em 2013 em língua alemã, cujo título foi por nós traduzido como *Sombra (Eurídice diz)*, reescreve o mito grego de Orfeu e Eurídice sob uma visada feminista e hodierna, dando voz à personagem feminina, que conta a história a partir do seu ponto de vista e em forma de um longo monólogo. O discurso é tecido, segundo a autora, como uma superfície textual (*Textfläche*) – conceito jelinekiano que será abordado no decorrer desta apresentação –, na qual, no caso desta obra, se identificam estratégias literárias tais como a intertextualidade, sendo possível distinguir, por exemplo, excertos de textos de Sigmund Freud (mais especificamente “Luto e melancolia” e “Inibição, sintoma e angústia”), que, em *Sombras...*, ganham voz feminina ao serem proferidos, por vezes *ipsis litteris*, por Eurídice. Esta comunicação, após traçar comentários gerais sobre a obra em questão, enfocará especificidades desta tradução, sobretudo alguns modos de detectar essa apropriação das palavras freudianas pela personagem e os recursos utilizados para compor o texto traduzido.

Palavras-chave: Elfriede Jelinek. Tradução teatral. Literatura austríaca. Orfeu e Eurídice. Feminismo.

Cristiane Gonçalves Bachmann é mestra em Letras - linha de pesquisa em Alteridade, Mobilidade e Tradução (2019) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); graduada em Letras - Português (2002) pela UFPR, graduanda em Letras-Alemão (ênfase em Estudos da Tradução) na UFPR. Com dissertação voltada para estudo e tradução da obra poética do autor austríaco Ernst Herbeck, dedica-se a traduzir textos literários de autores de língua alemã. Realizou pesquisa no espólio de Curt Meyer-Clason conservado no Ibero-Amerikanisches Institut (IAI), em Berlim, Alemanha (2019). Atualmente, desenvolve projeto de estudo de Elfriede Jelinek e de tradução na íntegra da peça *Schatten (Eurydike sagt)*. Também participa do grupo de estudo e de tradução de peças teatrais de autores austríacos orientado por Ruth Bohunovsky na UFPR. Traduziu também (entre outros textos) poemas de Stefan Zweig; um excerto da peça *Herr Faust spielt Roulette (Senhor Fausto joga roleta)*, de Wolfgang Bauer; integrou o projeto de tradução e revisão da obra *Áustria: uma história literária. Literatura, cultura e sociedade desde 1650*, de Klaus Zeyringer e Helmut Gollner, coordenado por Bohunovsky.

12 de março

Moderação e encerramento: Profa Dra Ruth Bohunovsky

Traduzindo o teatro indígena

Dirce Waltrick do Amarante (Professora Doutora, UFSC)

No prefácio do livro *Teorias do teatro*, Marvin Carlson afirma que a palavra “teatro” apresenta alguns problemas nada negligenciáveis: em inglês, faz-se a distinção entre “drama” e “teatro”, “sendo drama o texto escrito e teatro o processo de apresentação”. Assim, nenhum termo geral cobriria os dois significados. Recentemente, contudo, “teatro” passou a se opor à “representação” e ao “espetáculo”, o qual englobaria o circo, os festivais, os rituais etc. Se considerarmos outro contexto, veremos que, em *Dicionário de teatro*, Patrice Pavis, no verbete que trata de Teatro antropológico, usa a locução “teatro indígena”, que se contrapõe ao teatro antropológico. É sobre a tradução do teatro indígena que pretendo me ater: como traduzi-lo? Na cultura indígena a palavra é apenas um dos elementos significativos: uma linha simples e isolada, como lembra Jerome Rothenberg, poderá, na prática, ser “provavelmente repetida até que a sua carga tenha sido esgotada. Essa mesma linha também pode ser alterada foneticamente e as palavras podem ser distorcidas de suas formas ‘normais’ [...] Todas essas linhas de duração considerável se movem em direção a um cerimonial”. Essa característica, comum as várias práticas indígenas, criaria um vazio cada vez maior entre o “original” e a tradução. Segundo Pierre Clastres, “o embaraço do tradutor provém mais da dificuldade de dominar o espírito que corre secretamente sob a tranquilidade da palavra”. Minha proposta será desenvolver essa ideia.

Palavras-chave: Teatro indígena; obra total; fragmento.

Dirce W. do Amaral é escritora, ensaísta e tradutora. Professora do Curso de Artes Cênicas e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). Tem livros publicados na área de tradução, teoria literária, teatro e literatura infantil e juvenil. Co-edita a Revista de Arte e Cultura *Qorpus* (ISSN 2237-0617). Com Vitor Alevato do Amaral, lidera o grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil. É membro do Núcleo de Pesquisa de Estudos sobre Samuel Beckett (USP). Organiza o Bloomsday de Florianópolis, com o prof. Sérgio Medeiros (UFSC) e com a profa. Clélia Mello, desde 2002.

Uma diretora e uma atriz no exercício da tradução colaborativa

Marília Carbonari (Professora Doutora, UFSC)
Débora Zamarioli (Professora Doutora, UFSC)

Em 2019 e 2020 a diretora teatral e professora, Marília Carbonari, em conjunto com a atriz e também professora, Débora Zamarioli, realizaram a tradução colaborativa da peça M'Greet, de Alejandro Robino. A tradução do espanhol foi realizada pelos tradutores Sérgio Barboza e Gabriel Faraco, com supervisão de Camilo Urón. Como colaboradora, a professora de linguística Leandra Oliveira contribuiu nas decisões tradutórias. Nesta comunicação, faremos uma breve exposição dessa experiência. Sob a perspectiva do exercício da direção e da atuação teatrais, levantaremos apontamentos acerca da relação presencial entre tradutores e profissionais do teatro. Para o trabalho de montagem teatral, usualmente, diretora e atriz fariam um estudo do texto, mesmo que composto de experimentações cênicas, o chamado “trabalho de mesa” é componente obrigatório na criação teatral. O que pudemos perceber foi que, na tradução colaborativa nos moldes executados nessa experiência, a atriz pode apreender o texto também através da perspectiva do exercício do dramaturgo, ou seja, a linguagem escrita. Já a diretora, como companheira de tradução para a cena, pode compartilhar com a atriz e tradutores as ferramentas de abordagem e escolhas próprias da direção teatral. Finalmente, como resultados desse projeto, foi realizado um Evento de Extensão com transmissão ao vivo da leitura dramática da peça M'Greet no canal da SECARTE/UFSC (<https://www.youtube.com/watch?v=sRXxSVFiIQE>) e na mesa de debate TRADUÇÃO COLABORATIVA: negociações e decisões linguísticas, no dia 17 de setembro de 2020.

Palavras-chave: tradução colaborativa; peças teatrais latino-americanas; direção teatral; atuação teatral; relação teatro e tradução.

Marília Carbonari é Professora Adjunta do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Mestre em Integração da América Latina (Prolam - Universidade de São Paulo - USP) com ênfase em teatro latino-americano (2006). Bacharel em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Trabalhou como diretora e coordenadora de Projetos Culturais Comunitários na Companhia Nacional de Teatro (Caracas, Venezuela - 2010). Foi atriz da Cia. Fábrica e professora assistente da Uniban (curso de Artes Cênicas e Rádio e TV) até 2009. Foi professora colaboradora na Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná) no curso de Arte-Educação. É, paralelamente, diretora e dramaturga da companhia teatral Inclassificáveis.

Débora Zamarioli é atriz e docente adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina nas áreas de atuação e corpo. Doutora em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestre em Artes Cênicas pela ECA/USP e bacharel em Artes Cênicas pela UNICAMP. É vice-coordenadora do grupo de pesquisa em Artes Cênicas e Tecnologia (PACT/ UFSC). Tem formação em educação do movimento (método Iivaldo Bertazzo e Integração do Movimento Somático) e em balé clássico. Instrutora e faixa preta primeiro grau na arte marcial chinesa kung fu estilo Choy Lay Fut e Tai Chi Chuan estilo Wu(Hao) sob a supervisão do Professor Tiago Lucas Spagnuolo e do Mestre Marco Aurélio Serra (ITKFA - SP). Coordenadora e curadora do projeto Semana da Dança da UFSC, desde 2017. Atualmente dedica-se à

formação em Acupuntura, à pesquisa de métodos de cultivo para atores e atrizes e à área da pedagogia sobre o corpo e o movimento através de perspectivas decoloniais e antirracistas.

Fala de encerramento: Profa Dra Ruth Bohunovsky

Ruth Bohunovsky possui graduação em Estudos da América Latina pela Universidade de Viena (1996), mestrado em Estudos da América Latina pela Universidade de Viena (1997) e doutorado em Lingüística Aplicada (Tradução) pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Pesquisas de pós-doutorado nas Universidades de Campinas, de Santa Catarina, de Viena e de Graz. Atualmente é Professora Associada II da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência nas áreas de Estudos da Tradução e Ensino de Alemão como Língua Estrangeira atuando principalmente sobre os seguintes temas: Tradução, Tradução de textos teatrais, Alemão como Língua Estrangeira no Brasil, Thomas Bernhard, Elfriede Jelinek. É coordenadora do Centro Austríaco na UFPR.